

DICIONÁRIO DE LITERATURA

DIRECCÃO DE: JACINTO DO PRADO COELHO
(da Academia das Ciências e da Faculdade de Letras de Lisboa)

DICIONÁRIO DE LITERATURA

3ª edição

2º VOLUME

F/M

LITERATURA	PORTUGUESA
LITERATURA	BRASILEIRA
LITERATURA	GALEGA
ESTILÍSTICA	LITERÁRIA

1979

FIGUEIRINHAS / PORTO

Futebol. NA LITERATURA BRASILEIRA. O futebol chegou ao Brasil nos fins do século XIX, jogado por marinhos ingleses. O estudante brasileiro Charles Miller, chegando da Inglaterra onde estivera em estudos, fundou os primeiros quadros nacionais, no ano de 1894. O esporte se foi tornando popular, em São Paulo, depois noutros centros. Em 1902 já apareciam nos jornais descrições de partidas e em 1906 realizava-se em São Paulo a primeira partida de brasileiros contra estrangeiros (sul-africanos), a que assistiu o ex-Presidente da República Afonso Pena. Com o passar dos anos o seleccionado brasileiro foi várias vezes campeão da América do Sul, vice-campeão e bicampeão do mundo. Um entusiasmo semelhante ao do povo grego pelo teatro apossou-se das massas, a ponto de se fazer construir no Rio o maior estádio do mundo. Aos poucos o assunto penetrou na literatura, por intermédio dos historiadores e cronistas: António Figueiredo (*História do Futebol em São Paulo*), Leopoldo Santana (*Veteranos e Campeões*, etc.), Mário Filho (*Copa Rio Branco, Histórias do Flamengo*, e ensaio *O negro no futebol brasileiro*, etc.) e Tomás Mazzoni, autor de uma *História do Futebol Brasileiro*, onde se encontram canções, poemas e um dicionário de gíria futebolística. Mário de Andrade (v.), Aníbal Machado e Alcântara Machado (v.) referem-se ao futebol em seus poemas e contos, como, mais recentemente, Vinicius de Moraes (v.), Paulo Mendes Campos e Nelson Rodrigues em poesia e crónica. Alvaro Lins (v.) em seu *Jornal de Crítica*, 2.^a série, nota que o jogador de futebol entra para a literatura com o romance *Água mãe*, de José Lins do Rego (v.), podendo-se dizer que entrou para o teatro com *Chapetuba F. C.*, de Oduvaldo Viana Filho, um dos êxitos do Teatro de Arena de São Paulo.

J. P.

Bibl.: Tomás Mazzoni (Olimpícus), *História do Futebol no Brasil*, S. Paulo, 1950; Armando Nogueira e Araújo Neto, *Drama e glória dos bicampeões*, Rio, 1962 [com esta epigrafe de Albert Camus: «tudo que sei sobre a moral e as obrigações do homem devo ao futebol»]; Athayde Ribeiro da Silva e Mira y López, *Psicologia e Futebol*, Rio, 1964; crónicas de jornal de Nelson Rodrigues, Stanislaw Ponte Preta (Sérgio Porto), Jacinto de Thomes e outros, anunciadas para próxima publicação em livros.

Futurismo. Constitui, em Portugal, uma das facetas do chamado «Modernismo» (v.). Derivação do futurismo de Marinetti, cujo primeiro manifesto saiu no *Figaro* em 22-II-1909, tem cariz agressivo e escandaloso, propõe-se cortar com o passado exprimindo em arte o dinamismo da vida moderna, «a nossa turbilhonante vida de aço, de orgulho, de febre e de velocidade». Facto curioso, assinalado por Pedro da Silveira: a 5 de Agosto do mesmo ano, o *Diário dos Açores* (Ponta Delgada) transcrevia aquele manifesto (e seria o único jornal português a fazê-lo), publicando também uma entrevista de Marinetti — ambos os textos em versão portuguesa do poeta Luís Francisco Bicudo (1884-1918). Anos depois um heterónimo de Fernando Pessoa (v.) — Álvaro de Campos, autor da «Ode Marítima» e da «Ode Triunfal» — e Mário de Sá-Carneiro, pelo poema intitulado «Manucure», «semifuturista com intenção de *blague*», na sua própria classificação, filiam-se no futurismo. Aquelas três composições saí-

«PORTUGAL FUTURISTA», PRIMEIRO E ÚNICO NÚMERO.

PORTUGAL FUTURISTA

Santa Rita Pintor — José de
Almada-Negreiros — Amadeo de
Souza-Cardoso

Appollinaire
Mario de Sá-Carneiro — Fernando
Pessoa — Raul Leal — Alvaro de
Campos

Blaise Cendrars.

FUTURISMO

ram em 1915 nos n.ºs 1 e 2 de *Orpheu* (v.). Ao n.º 3 destinava-se o poema, da mesma tendência, «A Cena do Ódio», de José de Almada-Negreiros, que também causou sensação com o fustigante *Manifesto Anti-Dantas* (1916), onde se apresentava como «Poeta d'*Orpheu*, futurista e tudo». Foi ainda Almada quem assinou o «Manifesto da Exposição de Amadeo de Souza Cardoso» (1916), exaltando até às nuvens o grande pintor futurista. Em 14-IV-1917 realizou-se em Lisboa, no Teatro República (actual Cinema São Luís), um espectáculo futurista animado por Almada-Negreiros e por Santa-Rita Pintor (1890-1918); perante reduzida assistência, leram-se os seguintes textos: «Ultimatum Futurista às Gera-

ções Portuguesas do Século xx» de Almada, o «Manifesto Futurista da Luxúria» de Mme de Saint-Point e «Music-Hall et Tuons le Clair de Lune» de Marinetti. Em Novembro do mesmo ano lançou-se uma revista, *Portugal Futurista*, de que só apareceu um número, que inseria poemas de Apollinaire e Blaise Cendrars, o «Ultimatum» de Álvaro de Campos, «Mimi Fataxa — Sinfonia Cosmopolita e Apologia do Triângulo Feminino» de Almada, «L'Abstraction[n]isme Futuriste» de Raul Leal, etc. Em Fernando Pessoa observa-se a influência directa dum precursor do futurismo, Walt Whitman, a quem Álvaro de Campos consagra a «Saudação a Walt Whitman». Se acrescentarmos aos nomes já apontados

o de António Ferro, que, em 1922, proferiu no Rio de Janeiro, em S. Paulo e em Santos a conferência «A Idade do Jazz-Band», de teor tipicamente futurista, dando assim uma contribuição para o Modernismo brasileiro (v.), teremos dito o mais importante sobre os aspectos literários que o movimento assumiu em Portugal.

J. P. C.

Bibl.: João Alves das Neves, *O Movimento Futurista em Portugal*, Porto, 1966 (antologia, introdução e apêndice sobre os movimentos modernistas em Portugal e no Brasil); José-Augusto França, «No Cinquentenário do Futurismo em Portugal», in *Colóquio*, n.º 44, Junho de 1967.